

MEMÓRIA E DIMENSÕES DISCURSIVAS

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)

luizpeel@uft.edu.br

A memória é aqui apresentada como deiscência da percepção, sendo este conceito arquitetado em sua dimensão fenomenológica, como abertura ou encontro criativo que possibilita a existência do duplo. É essa memória, concebida inseparável do modo de existência de cada formação textual, que apresentará repertórios ou conjuntos harmônicos de interpretantes, diferentes (repertório homonímico – fundado na metáfora ou no ícone; repertório paronímico – fundado no índice ou no dêitico; e repertório sinonímico – fundado no símbolo ou na alegoria). Apresentam-se, dessa forma, três regimes para a memória, que podem ser chamados, também, de modos de “mais-significar”, já que a memória é uma forma de significar a mais, ou de reiteração significativa. A memória é ideada em seu modo nobre, concebido pelo *Espírito Selvagem* e pelo *Ser Bruto* (conceitos da obra de Merleau-Ponty); assim, a historicidade da vida capta as formações discursivas como excesso do que se queria fazer, dizer e pensar, excesso que abre aos outros a possibilidade de retomada e de criação. O *corpus* para análise foi composto por textos de Hilda Hilst, principalmente os encontrados em *Júbilo*, *Memória*, *Noviciado da Paixão*; e o exame teve como substrato epistemológico a semiótica, como conjunção dialética de saberes acerca do processo sógnico, semiose, com fundamento, principalmente, em Fontanille e Landowisk, que fizeram uma síntese dessas abordagens, propondo uma interdisciplinaridade profícua e inteligente. O norte teórico deste trabalho é composto, ainda, pela fenomenologia (Husserl e Merleau-Ponty), predominando, no quadro teórico-metodológico, a abordagem qualitativa.